



anjo-homem

POEMAS

DILZA PINHO NILO

ANJO-HOMEM

DILZA PINHO NILO

1984

Copyright @2026, Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura “Dilza Pinho Nilo” - CNPJ 19.014.562/0001-12

Foto e Capa: Maria José Turri Nicolliello

Revisão: Luciano Pinho Nilo e Pedro Cunha Neto

Projeto gráfico: Pedro Cunha Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nilo, Dilza Pinho

Anjo-homem [livro eletrônico] : poemas / Dilza Pinho Nilo. -- Itanhandu, MG : Ed. da Autora, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-24637-5

1. Poesias brasileiras 2. Poesia lírica
I. Título.

26-379898.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

ISBN: 978-65-02-24637-5



Todos os direitos reservados à

Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização
da Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura Dilza Pinho Nilo.

“... como se uma força maior, de suprema distância,
tentasse arrancar das trevas o anjo adormecido.”

Lúcio Cardoso

Prefiro enxergar no homem sempre o anjo
e tento divisar em cada rosto
o avesso luminoso que o redime.

Para

Ana Cristina, Luciana, Adriana, Paula, Eduardo,
Luciano, Mariane, Caroline, Rodrigo, Patrícia e
Bruno e Conrado*,
desejando que sempre descubram anjos em
seus caminhos.

*O neto Conrado foi adicionado pelos editores para completar a lista de netos homenageados, pois ainda não havia nascido na época do lançamento da primeira edição.

ÍNDICE

ANJO-HOMEM	8
ESCUTA,.....	11
ABSOLUTO AMANHÃ.....	13
“MONÓTONO É MEU CANTO”	15
AMOR.....	18
DONO.....	20
ROSA NO VENTO, VENTO NA ROSA	21
INFÂNCIA.....	25
MÃOS VAZIAS	26
JOÃO-DE-BARRO.....	27
AS BORBOLETAS	29
OS LÍRIOS.....	31
A FIXAÇÃO DO TEMPO	33
SEDA	35
O PINTOR.....	36
VIDA	37
VIOLETA	38
REMOTA.....	39
DESPEDIDA.....	40
ONTEM.....	41
O PEIXE	42
CHINÊS	43
LADAINHA.....	44
DESLIZES	46

ESTA CASA.....	47
DEZEMBRO	50
CERTEZAS.....	52
MAR.....	54
PROSA INTERMEDIÁRIA	56
JOGO	57
ASAS DOURADAS	58
DE NOVO INFÂNCIA	59
DECRETO.....	60
CORPO QUE CAI.....	62
VELHOS	64
RELATÓRIO	66
PATRIOTISMO	69
PRECE.....	71
GESTOS.....	72
ADVENTOS.....	73
O CACHIMBO.....	75
REFLEXO AZUL	77
SOLO.....	78
QUADRO	79
CONGONHAS	80
E O MEDO	81
RENDAS	82
A DEUSA	84
NO DICIONÁRIO DE VIVER	86

O MILHARAL	88
JACIRA.....	90
MEU VELHO	92
MOMENTO	93
MAPA.....	94
RETRATO.....	95
FOI ONTEM	96
SILÊNCIO	97
PROTESTO	98
EMBORNAL.....	100
ONDE?	101
VENTO.....	102
PIANO	103
SER.....	104
ROSTO	105
GALEIOS	106
PRESENÇA.....	107
PARA UM AMIGO	108
GOSTAVAS DE AMANHECER	110
RESGATES.....	112
ISAÍAS.....	114
O ÚLTIMO GOLE	116
ANIMA MEA.....	117

ANJO-HOMEM

Os anjos dormem na prateleira
vindos de todos os recantos
descansam no vidro
cada um com sua historinha curta.
Os anjos coloridos e exatos
tocam trombetas celestes
e são louros e morenos.

Compõem paisagens tranquilas
e exaurem sonatas obscuras
das alminhas de louça e barro.

Mas há um anjo verde feroz, agressivo
feito por uma adolescente de um hospital psiquiátrico.
Este manipula tóxicos, não harpas
tem a mente confusa, é negro, tosco e torto, como sua vida
nele, ela se reencarnou como um reflexo
e veio para no meio de tantos outros
que retratam cálidos sonhos, nuvens, paz.
Há riscos profundos em seu semblante duro
que ofusca os demais, cândidos e belos
porque é um anjo que dói e que marca.
O chão de pedra é seu pouso
e suas asas lhe são desnecessárias

Na cavalcada do além certamente ficará para trás
com seu peso e sua medida
nessa indecisa trajetória.
E em seu tenebroso destino de pedra

agride e sofre, como anjos de outro mundo.
É um anjo sem liberdade
as invisíveis grades que o prendem são potentes
e os pregos o seguram como um símbolo.

Pobre anjo que assim se tinge
e se mistura aos róseos, diáfanos, floridos
que voam complacentes em estados de pureza e graça.
e tangem sininhos interiores com extrema delicadeza.

Pobre anjo sinistro que abre seus olhos na escuridão
no desespero sempre verde, intenso, fundo.
Foi no desdém criado
e no desamor deixado ao léu
não é anjo para o céu...
Não foi elaborado em êxtase
foi jogado em lixeiras soturnas
numa promiscuidade hilariante
entre risos e soluços
e pago com moeda vil dos amores apressados.

Mas em toda a sua feroz vivência
é o meu anjo mais salutar
pois põe a descoberto o outro lado da alma e da vida
na crueza aparente de sua fragilidade e feiura.
É o anjo-homem, preso no seu destino
o que tem marca na alma
e manchas de sangue no corpo.
E a devoção com que olhamos é muito pouca
porque não compreendemos
que um anjo assim nos hostilize

e nos devolva a injustiça num grito de socorro!

ESCUta,

estou enxergando a tua velhice
através de ti, quando a convidas.
Estás transparente, cheio de luzes travessas
que perpassam indecisas pela tua sombra.
Ah, eu te vi cada dia com olhos de imenso amor
e assim te olho cada minuto e te devasso.

Eu te vi levantando em madrugadas, tonto de sono
para acudir ao doente, ao aflito.
Eu te vi carregando pedras para a construção do futuro!
Eu te vi erguer os filhos que nasciam
e de teus olhos tanta luz filtravas
que toda a sala refulgia.

Eu te vi padecer pelo caminho dos homens
ferido pelos seus dardos
e tua forma se curvar
diante de reprimidos soluços.

Viajante, carregando alguns poucos obrigados
e decepções em tua bagagem.
O que vai ficando de ti pelos caminhos te torna exangue
e é bem pouco o que desfrutas
de tanta caminhada.
Há luz, todavia, nas frestas de tua casa
e por elas podemos avaliar como estás cansado.

Mas a cada filho entregas um pedaço teu, um elo, um selo
este o teu presente de rei.

Mas tua coragem, não a partilhas com ninguém?

Como compor o teu retrato tão complexo
se és sucinto como pergaminho
e fechado como um botão em flor?
Luz e sombra é só o que disponho
pois as cores desmaiam diante de tua grandeza.

O cinzel com que te esculpi feriu-se no esplendor da tarefa
pois a imagem e a forma sempre o desafiaram.

Quando, de repente, me surpreendo chamando o teu nome
sinto na boca um gosto de pureza, de realidade, de fé.
É que me transmites uma fuga de mim
uma evasão consciente
que me faz refugiar em teu espírito
aí quero permanecer.
Por isso te amo e te conheço tanto.

Nos campos de ninar me aconchego
e te torno o menino de antigos sonhos
e te ponho nas mãos um alçapão para agarrar o futuro
e te imagino no corpo que não terias, aprisionado.

Há uma primavera entre nós
nessa ciranda que volta
nos versos que te escrevo, uma conquista.
Ah, inauguremos um novo retrato em nossa sala
mandemos embora essa figura que se insinua
as frestas de tuas janelas estão iluminadas de mocidade
brindemos, ainda!

ABSOLUTO AMANHÃ

Quando rubra orla cerca a serra
nos dizendo que o dia vai embora
me entristeço.

Mágoa leve me sulca a alma pelo que se perde
embora no seio da noite, eu saiba
que outro dia está sendo gerado.

Despojo-me então das madrugadas tentadoras
com as vozes passarineiras e os ruídos
que fazem as flores chegando.

Insetos estremunhados refazem a rota da vida
e os grãos de terra se agitam
para a aleluia do amanhecer.

Quando a palavra se esconde, gasta
e sua origem é pobre e pouca
me entristeço.

Ave sem asas, quero subir e não posso
quero germinar e não sei
e me despeço de mim
sem identidade ou rumo
na orla de um rubro horizonte
ocaso impaciente
como se fosse um dia
que não mais retornasse.

A corda se rompe, a música cessa e o silêncio
se refaz.

De cada membro vem a lassidão estéril.

O sol tarda e é escasso
e disseco o meu universo com limites tão nítidos
e profundezas tão visíveis
que encontro âncoras abandonadas
pelos navios que partiram.

Quando o pensamento chega, deslizante
não me concede o direito de exigir pegadas
e me empurra como as ondas
que lustram as areias e tudo apagam.
Vão-se para o além, como o dia ignoto, alados anseios
e pela alameda das omissões vou tangendo a minha vela.
Abro as mãos ao vento
e espero o grito do dia
no absoluto amanhã.

“MONÓTONO É MEU CANTO”

Pablo Neruda

O canto desse poeta
nascido do fundo peito
tem o negrume de Isla
e o desamparo das lutas
no dorso das Cordilheiras.
Tem as grades da cadeia
e a febre rebelde do Chile.
É um recado insistente
como um gotejar de chuva
a penetrar profundamente
nas dores das consciências.
Até os páramos da loucura
a ânsia de liberdade
e o clamor pela justiça
e a voz ficando rouca e perdida.
Levanta os véus da pobreza
das faces índias sofridas
para serem devassadas
para um novo julgamento.
Com seu verso suplicante
brada por dias melhores
pelo coração do mundo.
É como um Cristo moreno
nas dimensões de sua dor
brotando em milagres de fé
e nas ternuras do amor.
Preces nas mãos estendidas

no lenço as lágrimas colhidas
nas alvoradas chilenas
tão enfeitadas de neve.
Do chão da pátria sofrida
às planícies de outras pátrias
se estendem longas searas
nos limites mais reduzidos
mas cercados de esperanças.
Com os mesmos ideais
e a força das mesmas dores
une à sua as outras vozes
num lamento universal.
Monótona essa cantiga
provinda do sofrimento?
Monótona essa trombeta
que acorda o anjo-homem
para um doce partilhar?
Monótona a voz que se humilha
mas que também se exalta
e que entrega a própria alma
partilha de vida e luz?

Mas o grito tenebroso
dessa pena tão audaz
vem como um rio em fúria
e lava das consciências
suas penas mais espúrias
e as intenções mais soturnas.
O clamor do peito inflama
e dessa bendita chama
faz o poeta seu canto

e esse hino é bandeira
tangida na terra inteira
na alegria e na paz!
Monótona é essa voz?

AMOR

Em braçadas largas, o corpo vaga
no seu destino de folha, ao léu.
E nesse mar revoltado e inconstante
é pétala que navega olhando o céu.

Não há passado nem presente nessa pálida
e sólida cantiga flutuante
e nem cobranças remotas ou futuras.
Quem ousará dizer ao vento: para!
Ele serve à bússola oscilante
em busca do porto augusto da paz...

Nela brilham as cores suntuosas
que um sol íntimo faz resplandecer
e vaga, doce folha ondulante,
no seu discernimento sem prazer
nesse silêncio de luta
na refrega do combate
em forma pura e solitária
de um navegante audaz.

E nesse íntegro passeio
quem ousará dizer-te, pétala querida,
que deverias mudar teu rumo
numa prece de ausência?
Ou que a certeza de tua rota
estava já escrita nos mapas de tua vida?
Quem poderá dizer-te que o porto fica ao sul
se olhas o céu e nele refletas teu azul?

Vaga. Vaga como vagam os pensamentos
como vagam os seres alados sem perguntas
e os pólenes obstinados
em florescer.

E se algum obstáculo te submergir
na tua rota bendita
apenas uma palavra te seja dita: amor!

DONO

Daqueles quartos as paredes guardam ressonares
- onde as vozes que comandavam
e repousavam das lides ao fim dos dias exauridos?

Passos pisavam lúgubres assoalhos
e as nódoas lembravam vícios antigos
e as vozes dos sinos
estremunhavam o silêncio.

O portão lamenta nos seus gonzos
e as folhas vestem os caminhos sem pegadas.
As cortinas estão conspurcadas de aurora.

As janelas cessaram o alvoroço
de abrir e fechar pálpebras para o cotidiano sono.

O mofo reina, recobre a superfície
e do teto pendem inúteis fios.
O fogão tem ares inquisitivos no abandono
e sonha febres em seu ventre escuro.

Um rato espia absoluto
no tempo e no legado, como dono!

ROSA NO VENTO, VENTO NA ROSA

Hão de dizer por que quanto
desta ânsia me revolve
de cantar quando é preciso
tanta coragem pra tanto.

Hão de dizer que há no canto
desnecessária ousadia
desterrar do peito mágoa
para espalhar pelo dia.

Ando de ramo na mão
sem saber que nessa oferta
deposito o coração
como quem se deita e dorme.

Inútil é lavar o chão
preservar remota infância
se já não tenho o alçapão
de alcançar o futuro
e o fruto que eu pretendo
é um perdão já triturado.

Meu irmão está cansado
sua voz já nem se ouve
venho ouvindo esse lamento
de uma luta já perdida.

Levo no ombro a menina
que sobrou de tanta andança
e me pesa mais que o tempo

e toda a desesperança.

Não participa do canto
Já lhe apagou na garganta
a voz que devia ainda
orar numa prece santa.

Já me desvio da rota
ando perdendo o rumo
pois enxergo em cada gota
o farrapo dessas almas
que devia iluminar.
E tropeço em cada passo
no remorso ou no fracasso
de seara que falhou.

Vai, menina, corre e voa
se achas que a vida é boa
e ainda há tempo de gritar
leva estas flores agora
agora chegou a hora.

Talvez sejam mesmo rosas
no vento mal desfolhadas.

Talvez sejam do arco-íris
as cores que vêm chegando
com que tinges tua face
- por que a menina se esconde
na sombra que agora a cobre?

- Onde está tua coragem
que devias ostentar?
- Onde está a tua imagem
que devias preservar?
Onde está a mão que ajuda
se não a podes prover?
- Onde está a letra viva
que devias pronunciar?

Que importa que vague em susto
-- Só o amor é importante
E ele vale o seu custo...

Calando esta menina
não calo a voz que ruma
de dentro da solidão
ando cavando este chão
com minhas mãos magoadas
e as trago assim feridas
sepultas no coração.

São palavras tão choradas
ouvidas nesta amplidão
são histórias decifradas
escondidas na aflição.

Hão de dizer porque quanto
desta ânsia me revolve
de cantar quando preciso
tanta coragem pra tanto
levando minha menina

com estas flores nas mãos...

INFÂNCIA

Crescemos juntos e sua mocidade era o nosso pão.
As vidas nos foram entregues, uma a uma,
e comungamos na mesma ânfora.
As entrevistas dores aprendíamos
num certo e lento palpitar.
Nos olhos se descobriam contrastes
e em cada palma, em cada alma
um pouco de nosso sal.
O pé que movia a bicicleta
se nutria em nossa força
e o gesto do garfo que se movia
provinha de nosso guindaste.
E aquele grande momento de sono
quando o silêncio se diluía nos cílios
e as preces se adivinhavam nos balbuciaros
aquele momento cintilava, nas luzes apagadas.
O dia que viria nos devolveria intactos
para as pequenas exigências que começavam na penumbra
- ah, quem me dera que agora me pedissem um copo d'água...
E ali nossas infâncias se mesclavam
e éramos os incansáveis professores de nós mesmos.

MÃOS VAZIAS

Dissipadas as manhãs, resta o fogo do dia
queimando a esteira das horas.

Teso, o relógio se derrama em pancadas mornas
que refazem com paciência a romaria do tempo.

A teia dos afazeres se completa
tanto ainda por fazer e não há tempo!
A ansiedade espreita pela ponta dos meus dedos
e gotas de suor se me acumulam na fronte.

Temos pressa, mas a rede foi jogada em lenta orgia
e a festa dos peixes para breve se anuncia.
Que fazer deste dia tão severo
e destas horas que me apertam como malha?
O relógio é tão correto e tão preciso
e me arrasta nessa cantiga como um náufrago.

Só dispor do que estes espaços me devolvem
para cantar num minuto horas vadias
e lamentar, em dilaceradas culpas,
a evidência destas mãos sempre vazias!

JOÃO-DE-BARRO

É de barro frágil, se a matéria importa
mais que a lição de fortaleza
a casa precária, no galho,
tem apenas um quarto e uma porta.

- Mas não somos nós também feitos de barro?

No espaço, a hora da beleza, todavia
na opalescente primavera que se anuncia
se inscreve a página da natureza
para os que podem ver e aprender
de um pequenino pássaro a esperança
de uma ordem que lhe sustém a força, o ânimo
e a sucessiva corrente de amor que não cessa.

Eis que o vento lhe derruba a casa
o vendaval que não obedece à fragilidade
de um pequenino ser à solidão jogado, como tantos.
O galho, ao léu, ergueu-se no balanço
que aquele vento hercúleo e torpe
na vã cegueira arremessou.

De manhãzinha, mal o sol espia
por entre as folhas que restaram
lá vem o João-de-barro sorrateiro
vindo não sei de onde, mas cantando
na garganta corajosa a alvissara notícia:
- os homens, como casas, caem, mas outros se levantam!

Trabalha todo o dia e é domingo
que importa o dia ou mesmo a argamassa pobre
se o espírito se alça, altaneiro
diante dessa mensagem de esperança
de cada pedra que rola
de cada lágrima pendente
de cada gota de sangue que se imola?
Não importa o vento de ontem ou o que virá amanhã
a vida se reconstrói em cada aurora
nas injunções mais duras, vendavais, procelas
e toda a convulsão tem sua hora.

Logo estará pronta a casa
e será mais forte de que antes
porque o denodo e a certeza do porvir lhe deram força
e, na garra dos heróis, a chama da fé se ergue, sentinela
daqueles que seguem sua estrela
nos padrões eternos com que a terra
preserva sua moral, sua história, sua glória.

As asas lhe escorrem, pesadas, ainda chove
mas o pássaro trabalha
tem um pouco do calor dos mártires, nada o desanima
e sua casinha se balançará amanhã e sempre
na ponta desse galho
como um clarim de justiça
como um troféu de vitória!

AS BORBOLETAS

Submersas no ângulo de si mesmas
numa precisão quase milagre
as borboletas suportam o mundo
em suas asas frágeis:
elas carregam a vida!

Rios, vales, sombras e cascatas
se debruçam sob seus olhares fundos

Paisagens ocultas lhes interceptam a serenidade do voo
e fantasmas lhes emparedam o infinito.

As liberdades são desafios em cada curva
e as teias de todas as dores não experimentadas
lhes sugam o sumo.
Mas o horizonte é o eterno rumo
e o eterno prêmio.

No esforço de ser se descobrem a cada dia
e no empenho das conquistas refazem caminhos de esperança

Em estáticas distâncias
sucumbem sem rendição.
Cavalgam, todavia, sonhos e decepções
com a mesma coragem
em seus domínios furta-cores
Juntam fracassos decepados
para a corajosa reconstrução do amanhã

Do cérebro fogem lúcidos medos
e desdenham emboscadas,
usam da força que lhes sustém o equilíbrio
para apenas mais um jogo de opções ou de aceitações.

E no círculo de ouro do inconsciente
refazem rotas pacientes
descansam fardos
e se deixam dormir
em infinito amor!

OS LÍRIOS

Começam de novo a brotar os lírios no vale.
Os revérberos do sol faíscam nos brotos amarelos
começam a brilhar os pequeninos grãos de ouro
e há gotas minúsculas cintilando.

O dia tem um espanto quando vê
o mundo enfeitado de seu colar dourado
como troféu.

Tomam-me as mãos e me pedem bênçãos
as crianças amanhecidas
e trazem lírios recém-colhidos,
sua dádiva de pequenos reis.

Lançamos anzóis a esmo
e eles trazem lírios profundos.

A quem ofertamos nossas válidas manhãs
nossos obséquios em cachos amarelos?

As ramalhudas folhagens se agitam e balançam
como redes flutuantes e opacas.
As nuvens descansam no rio seu passeio
e as pontes se curvam de desejos.

Este é meu vale onde os lírios brotam
este o quinhão que me coube na partilha
e estas são as armadilhas
que me prendem com laços tão definitivos.

Não descubro sentidos
nesses presentes comovidos
e não vasculho intenções
desato reduzidos temores
nas invenções mais lúcidas.

Vou muito além de mim mesma
ao dar a bênção ao negrinho
enfeitado de lírio.
Seus pés calçaram sapatos de barro
para as ofertas.

Este é meu vale, entre montanhas
e suas dádivas me ferem como agulhas mansas
e me perfuram poros desprevenidos.

Deus me espreita, sorri e me perdoa.

A FIXAÇÃO DO TEMPO

A fixação do tempo é uma quimera
relâmpago de fogo que desaparece
e deixa ainda em fuga
um retalho de luz que amanhece.

Dentro deste corpo que envelhece
outra vida surge de fios ambíguos
como se fossem pontos de um bordado
de uma tela
ou destinos sucumbidos que se abrissem
como novas janelas.

A fixação do tempo é uma promessa
desenho de imprecisa forma e voo
de um pássaro que no espaço se delinea
e que povoa
a alma inquieta da vida que o suporta.
A antiga sombra que a morte espreita
dá os últimos retoques nessa arquitetura
e os limites dessas linhas de futuro incerto
se impregnam nesse banho de luz
tons iluminados
no ar ainda em fuga
retalhos de um clarão que recomeça
e uma grande interrogação que nunca cessa...

São detalhes que não apavoram,
antes acalmam
aos que em suas mãos maduras

seguram essas sementes, essas fagulhas
crepúsculos de quadros abstratos
nos subconscientes divinizados
pela mão do criador.
São pingentes oscilantes nos espaços
e refazemos para o mundo de olhos mortos
as paisagens sutis e misteriosas
fronteiras de uma pátria entrevista
ou início de uma viagem que não se realizou.

Relâmpagos de fogo no infinito
a fixação do tempo...
Uma fuga, uma ilusão, uma quimera?

Casulo, inseto, clausura
o voo e a criatura alada e pronta
um fio para o infinito.

O PINTOR

Libélulas e náíades aflitas, silêncio
pendem nuvens pictóricas
a ânsia lírica de um pintor
devassando secretos esconderijos
momentos do pincel
presos com mel.

VIDA

Entre o céu estático
o vento e o mundo
o ar alimento, o homem inundado
azul mancha, o homem sereno
paz e oxigenação.

VIOLETA

No alvoreço, festa
o sol esquecido finge uma aurora ferida
tinge de violeta o além.
Saudade de anoitecer.

REMOTA

Romãs em panelinhas de barro
remotas mãos com rubis sorrindo
lúdicas manhãs
argila e infância.

DESPEDIDA

O trem respirava fumaças garantidas
ar cinza-adeus.

Trêmulos lenços, despedidas
e um triste apito.

ONTEM

Flash Gordon, Tarzan
pernas andando, andando
equilíbrio dos primeiros saltos.
Flexíveis joelhos, vestidos
dependurados no subconsciente
filmes em preto e branco.

O PEIXE

A prata do peixe risca
de diamantes o ar.
Vida e morte.

CHINÊS

O rosto é amarelo, quase nada
preto o olho, um risco
impossível ser mais preciso
a tradição é tão funda
que o curva em cumprimentos,
delicadeza.

LADAINHA

Intimorata, era como bradava a ladainha
e a palavra não realçava a madrugada lívida
as preces eram em falsete
em vários tons, no furto ao sono.

Uns exibiam olhos estremunhados
outros portavam terços e medalhas
com ruídos de embalar certezas.
Iam todos para o céu, de mãos dadas
e orgulhavam-se do cobiçado lugar.

As matronas vestiam longos trajes pretos
e se sentiam tão bem nas escuridões
numa repentina paz negra
e não remontavam remorsos
dos que ficavam para trás
com elas seguras as entradas.

Os homens teriam opas roxas
e suportavam nos ombros
os andores revestidos de cetins
onde imagens requebravam.

Eram tempos muito normais
e as meninas de extrema simplicidade
lutavam com véus e ventos
enfeitadas de grinaldas.

Rendas em fundos baús teciam destinos

de enormes solteironas
mas as esperanças resistiam ao trem vazio
e aos cotovelos fincados nas janelas
e ao dedo que esperava a aliança
e o pedido de casamento chamuscando na boca do pai.

Elas não temiam os terços longos
pois o tempo era construído de esperas
e em anseios norteavam bordados caprichados.
No mais, o dia seguia os riscos de amor em alvos linhos
que enredavam fados.
Intimorata era a Virgem
e a ladainha insistia: Santíssima!

DESLIZES

O grito da criança vem pronto
e inaugura na manhã o seu protesto.

Que doce e cálido o berço úmido
onde teias de sangue a embalavam.

Que rumor de delícias e profundos
os sulcos do silêncio.

Ela se fecha em sua concha
a rutura todavia é para sempre
e qualquer deslize é contra o jogo
e a vida é tudo o que a natureza determina.
- Quem será, Deus meu, esta menina?

ESTA CASA

Eis-me de novo nesta casa
onde em cada parede há a mancha de ontem.
Cada porta me vê entrando mil vezes
carregando uma esperança.

Eis-me de novo pisando este chão
tropeçando em véus adolescentes
pois as meninas que gerei
ainda estão nascendo.

Trouxe o farnel, o cantil para o longo serão
convidei a todos para o banquete
Aqui estão os olhos que me vigiaram
e me incubaram no amor.

A mesa está posta
as dobras do linho caem pelos cantos
tal como em dias de pompa.

As crianças chegam pisando lendas
e tudo é caligem. Pingam do teto mensagens
é preciso acender luzes, muitas lâmpadas
para que o brilho espante estes fantasmas.

Mãos remotas partem o pão.
Quem está à cabeceira?
A família se reintegrou
em seus membros mais distantes
e este homem que comanda a mesa

não comanda seu próprio corpo
outras faces se apropriaram dele.
Quem serve à mesa? Tantas serviram e se gastaram
nas tarefas rudes e penetraram mundos gratuitos.
Há olhos e mãos bailando
e os aventais estão sem nódoas.
Os guardanapos são pombos que levantam voo
e acenam. Trazem também brindes que se elevam
e um doce murmúrio perpassa pelos comensais.

Celebramos a vida e o que há de melhor para comemorar?
Essa vida que não se gasta e se empresta
como um vestido de festa.

Os retratos fogem das molduras
e comparecem em seus colarinhos
e apanham garfos por onde escapam migalhas.
As bocas restauram forças e insistem em sobrevivência.

As orgias se repetem em sons difusos
há bodas, aniversários, batizados, funerais.
Para tudo houve o momento e certa movimentação surda
e tudo refluí nos silêncios que ficaram pelos cantos
e está filtrado nestes inflexíveis vitrais.

Eu me sento nesta longa mesa,
nasci e nas dobras do batizado
incipientes, as rugas do presente.
Eis-nos à volta da mesa que dança entre destinos
e as bâtegas desta chuva repentina nos empoçam os olhos
e as crianças, em cirandas muito leves

se multiplicam indefinidamente pela sala
e nos entregam
sorridentes e corajosas
suas bandejas de frutos pendentes de futuro.

DEZEMBRO

Teu lento anoitecer, dezembro, se aproxima
e chegas repentino, cheio de promessas
e de exigências camufladas.
És um mês de tantas consequências!
Pousas no peito das crianças com sonhos maculados
e vergas ombros cansados
dos que trabalham só pela jornada do dia.

Estás nos figurinos das modas e te completas nos trajes
solenes das reuniões sociais.
E o que é social, diria, em teu mês?
Não és como um anjo que passa, tu permaneces
e ocultas desejos que nunca serão satisfeitos
e um tempo que nunca será esquecido.
Ah, os nossos natais, quem não tem o seu
e sua história marcante como um ferro em brasa?
Quem não tem na sua casa
uma árvore, rica ou pobre, um galho
para machucar os sentimentos?
Ah, e trazes um nascimento em teu bojo, dezembro,
tão transfigurado.

Trazes votos e augúrios com tanta insensatez
como se ignorasses a onda de interesses que agitas.

Finge-te de ingênuo, mas cobras
cada fatia de luz, cada compromisso de amor
com a avareza de um agiota.

Tuas alegrias são parceladas
e servidas com cerimônia,
não és um bom convidado
chegas sempre por último
e és sempre esperado
anseiam por ti, pelas filas que humilham
pelas dádivas que ferem.

E te vestes de candura
nessa aventura rebelde
de voltar sempre, de exigir cada vez mais
e de não rejeitar jamais
essas festas paradoxais.
És como um pêndulo a girar, a girar
e apesar de injusto
és um mês respeitado, quase amado
e és importante por tudo isso, dezembro!

CERTEZAS

Não buscarei certezas nem consolos
deixarei que o sulco das sementes
se aprofunde em meu solo endurecido
numa esperança obstinada que floresçam.

O eterno semeador empunha o arado
e sei que a luta recomeça.

Sinto as entranhas revoltas
e é hora de buscar a gota d'água
para germinar o grão.

Na intempérie,
quando os trovões e o desalento
rugirem poderosos em céus noturnos
vou afagar esse pedaço de vida
que em mim descansa silenciosamente.

A espiga distante é a dourada recompensa.

Assim se fez um dia
e as flores se multiplicam ainda
em milagres sucessivos.
Há risadas pelos cantos, meninos crescendo
outras auroras e outras messes
e busco nesse solo
as searas infinitas...

A vida é a tocha que passamos

de mão em mão, impunemente?
Essa chama que se propaga indefinidamente
corajosa e cega, como o vento
queoura as searas e as afaga
sem buscar certezas nem consolos...

MAR

Lá fora o mar quase cinzento
fazendo medo com seu rumor
todo o seu mundo e seus mistérios
bem lá no fundo, insuspeitados.
São algas doces, peixes vorazes
são elos soltos, tanta vivência
que se entrelaçam, vivendo e rindo.

Passam serenos os barcos lentos
e os pescadores lançam as redes
a superfície é um só espelho
de tons reflexos, suave paz.

Fervilha a guerra, surda e feroz
por entre pedras, sulcos, matéria
no breve instante de apenas ser.
Ah, que cascatas tão ondulantes
no submerso centro do mar.
São como almas também errantes
que se tragassem ao navegar.

Boiam espíritos, espectros vãos
de almas afoitas que lá foram ver
os deuses verdes com suas garras
lindas medusas de olhos de fogo
ninfas aladas nas águas mansas
e foram presas de seus encantos
despiram vestes de vida e flor
as conchas claras são luas vivas

que nascem lúcidas do desamor.

Homens acorrem aos seus chamados
e vão servi-las e ao seu querer
se enredam presos nas próprias redes
tão submissos quanto pretendem
aos animais vivos prender.

E o Deus Netuno nunca se cansa
do jogo lento de vida e morte
que nas entranhas assiste e aplaude.
Seu tridente é um arco em chama
seu riso é branco e formoso
e a voz tão doce que vem do fundo
ridente e clara no seu enlevo
traz ironia envolta em luz:

Somos pescados, os pescadores
somos pecados, os pecadores
somos pesados nessas balanças
que são balanços de rendas verdes
almas acorrem, ouvem lamentos
e as alianças se fazem em ondas.

Prossegue em sua rota o nobre mar
com tesouros e orientes, rubras ourivesarias
estrelas abertas, cavernas absortas
nos abismos de si mesmas
e o mundo se recompõe em seus matizes
em seus cantares, seus movimentos
Numa festa permanente. O mar.

PROSA INTERMEDIÁRIA

Desfruto com interesse de uma certa euforia
permitida, aliás, depois de tanto esforço
quando desmato um tufo de margaridas que florescem.

Plantei-as tardiamente, o outono se anunciava
e não era mais tempo de fazer canteiros
mas elas, desprendidas, generosas
entregaram-me seus segredos e chegaram.
Desfizeram nas tardes as suas longas cantigas
como se embalassem um fantasma.
Queria-as para enfeites severos
longas ou curtas, amarelas
cansadas, sem mensagens, sem futuros.
Talvez murchas no próprio momento da criação.
Mas elas refizeram o mito
e fizeram jus ao que se pretendeu.

Minhas flores tardias...
Espero que entendam judiciosamente
o júbilo sem pretensão
e não me tomem por presumida
coisa que meu recato abomina
e não combina comigo.

Apenas quis dar um trôpego passo
de presença, sei lá, de aflição,
um recado soprado não sei por quem e nem onde
mas lá no fundo de mim
cobrado a juros muito altos.

JOGO

Quatro ases, mão agitada para as apostas:

- Que mais preciso que esse trunfo?

As cartas mais afoitas me vão chegando às mãos
e ia dizendo alto os meus desejos como ordens
obedientes cartas de baralho...

Dias insistentes queriam sempre mais
e fui me desincumbindo desses sonhos.

Jogadores mais desavisados
põem nas costas dos outros
as culpas de seus azares
e os parceiros se encolhem, envergonhados
cúmplices da má sorte.

Prestação de contas.

Vida através de símbolos
que vão e vêm, como cartas marcadas
trazendo os recados tão certos
cobrando parcelas
fazendo o jogo

Como um agiota ambicioso
sempre batendo à porta.

- Tenho quatro ases, quem vai neste jogo?

ASAS DOURADAS

Uma borboleta me visita
chega, e as trêmulas asas palpitam
num indizível gesto de alegria.

Nas asas douradas, nas patinhas
traz uma rosa, germe
e me entrega seu segredo, sua dádiva
que é inútil na seara seca.
E lá vai ela, cândida e serena
plantar esperanças noutras terras.

O que a terá guiado até mim?
Minha expectativa, meu anseio
meu colo disponível
minha face
ou foi apenas uma rota transviada?

Como receber esse presente
alvíssaras ou tristezas
de quem já não pode multiplicar
como ela pretendia
este milagre, esta delicadeza?

E uma certeza me devassa agora
de radiosa aurora, como se eu fosse
ou pudesse ser, quimera
a própria incandescência dessa rosa...

DE NOVO INFÂNCIA

Em certas rodas se devem dizer as palavras mais sensatas
como certamente nos ensinava nossa mãe.

Não podia ser mais precisa, entregando lições de vida.

As dela caíam como conta-gotas, uma de cada vez

absorvidas todavia

com muita lucidez

embora a razão ainda pouca e turva.

De cada penca de elogios se fazia ramalhete

que ficava enfeitando a memória

mas ao menor sopro ia tudo embora

e vinham ásperas palavras

que se jogavam fora.

Mas aos poucos fui juntando uma sabedoria discernidora

sabendo onde guardar cada sentença e a separá-las.

Fui abrindo cadernetas no banco de palavras

depositando migalhas

sem juros ou correção monetária

mas elas foram se acrescentando

e de tanto acúmulo serviram ao menos para enaltecer.

Ou brincar.

Junto os meus filhos e lhes repito essas lições

aprendidas nos duros bancos da vida.

Cada um escolhe o que quer

será a subjetividade hereditária?

DECRETO

Íntimas ternuras me envolvem
e perco a identidade no absurdo jogo da vida
seres e mais seres se prolongam de meus desafios
sem que eu os suste ou apenas suspeitem que a ordem é indefesa
como a majestade de um decreto.
Invadem-me as sombras do desalento na intenção de estar em
julgamento
por um princípio de ousadia que eu própria desconhecia.
Era condenada previamente
por um crime que não cometera.
Deram-me certezas absolutas para subsistir
deram-me a vida, essa cascata borbulhante e fértil
que jorra ininterruptamente.
E que fazer do momento de êxtase
partícipe de um só e único envolvimento
para a cilada final?
Quem é este que de mim surgiu e tem nas mãos a existência
e tem perguntas frágeis como presentes inúteis?
Quem é aquela que vem rodeada de crianças
e não sabe como reuni-las na sua infância?
Propiciamos o espetáculo dessa corrente
damo-nos as mãos, insensatos, sem lições, despreparados
e vamos jogando para o alto nossas preces inválidas
juntos, juntos, com estranhos apertos nos corações?
As cordas que nos prendem se rompem ao menor ruído
ou descuido e se repartem como membros
pedaços redivivos de seres antepassados.
- E os olhos azuis importados daquele avô?
Estão por aí encrustados em outras palas

são joias de família, que passam de mão em mão,
e descansam nos seus cetins.

Descuidados e intransigentes escultores
dizendo sempre – faça-se – e se fazem homens ou estátuas.
As virgens do templo se sucedem nas amplas cidadanias do mundo
e ficam pelas esquinas à espreita de álares convites
e amores fáceis.

As frondes estão brancas como botões de laranjeira
e as homenagens do tempo passam como relógios candentes.
Não temos o tempo medido, mas as estrelas gritam na nossa noite
na sua luz opaca.

Os mundos se dividem como espumas
e as bolhas de ar e vento cantam lindos prelúdios nas areias.
É o amor, é o amor que vem chegando
como um senhor.

E por ele vamos todos sucumbir.
Percamos identidades, somos marionetes nesses palcos
não temos nomes, nem datas, nem túmulos.
Estaremos a postos com nossas cândidas lâmpadas azeitadas
à espera do noivo que virá de madrugada
realizar as bodas de vida e morte.

Entreguemos nossos segredos, para preservá-los?
Os mapas de nosso tesouro sejam repartidos como o pão.
Não há futuro e nada aprendemos nesse jogo
a ordem é imperiosa e estamos sem defesa
na majestade do decreto, é um decreto de lei!

CORPO QUE CAI

É mais um corpo que cai
por entre a sua alegria
a doença passeava
como por entre canteiros.

Foi caminhando nos órgãos
Ficando dona e semente
de um mal que a mente abrigava.

O medo-prenúncio se instalou antes
foi como aviso ou chamado
e com renovado apelo
preparou esse noivado.

Ela está noiva da morte
já lhe prepararam a festa
e está contente da sorte.

Ainda não sabe ela
e as poucas coisas que sente
vai inda por conta dos nervos
o casamento está perto
mas ela não o pressente.

Resistem, mentem, disfarçam
para que aquela voz forte
não seja ouvida por ela.

Tens medo? Bobagem

e ainda falam em coragem
a quem se agarra à esperança
e nem tem sons de espanto.
É mais um corpo que cai
e ela está como criança
acreditando em mentiras
vivendo das esperanças

É a hora da verdade
esperando sua hora
e o riso inda brinca fagueiro
na face que chora o amigo
este choro apagado
que se chora sem chorar.

E a mentira passa leve
e a saúde se assegura
a quem de alma tão pura
desconhece a hora breve!

Ela está noiva da morte
já lhe prearam a festa
e está contente da sorte...

VELHOS

Estão expulsos do paraíso
de uma mocidade onde cada dia foi aleluia
e cada ato plantio de semente.

Desmentidas as recusas de si mesmos
nos espelhos refletidos de alheios olhos
e nos dias que, pouco a pouco,
acrescentaram cãs e reumatismos
em ossos lúgubres.

Desfeitas esperanças antes augustas
em horizontes famintos e ofuscantes
o quadro é inverno de estepes
em galhadas secas e estéreis.

Passos se quietaram de longuíssimas esperas
e as apagadas membranas refletem véus opacos
em membros cada vez mais exigentes e inertes.

A vida-momento-pensamento se eterniza rápida
em pedaços quase-doces ou tão amargos
como frutos de outras épocas
e na lembrança temerosa ou mentirosa
que espertamente volta em páginas vividas.

Um fio ou outro, como dessa cabeleira cor de rato
ainda escapa das frestas da memória
num ligeiro acarício.
E a mocidade vela ainda

passageira, como um gosto de primavera.

Ah, esse coração que já deu tanto
e que se verga ao pesado fardo
desse corpo quase morto!

A vida, todavia, prossegue
e não se desfará de repente, num silêncio
vai apenas derretendo peles e desejos
aprofundando sulcos de onde fogem energias
com que se sazou o fruto, grão adocicado.

E o coração que já deu tanto vaga
pelas campinas do amanhã
como se a elas inda tivesse direitos
adquiridos pelo útero da terra.

Sementes ainda e sempre
é a rica e promissora corrente que se arrebenta
em cada elo de uma pessoa
a cada passo cedendo o seu lugar...

RELATÓRIO

Tenho um coração que já dei há muito
e depois foi redividido.
Cada qual tomou o seu pedaço
e fez com ele o que quis.
Nada tenho a acrescentar a não ser o momento impreciso
em que me divido, de novo, como quem reparte um bolo.
A minha infância se diluiu no tempo
e de vez em quando ressuscita num filho, num neto
com uma nostalgia que me assusta
porque aquele momento se repete.
De tudo tive um pouco, tristezas e alegrias
nas medidas exatas para suportar.
Tanta gente me espiando, gostando que pronunciasse precoces
palavras
mas o mundo, que era grande, foi encolhendo.
Conheci muitas distâncias e as medi – entre o tempo e a vida –
entre mares e continentes – ausências e permanências –
verdades e mentiras.
Escrevi alguns versos, entendi o absoluto das coisas
mas, como uma lição a copiar, usei o caderno da fantasia.
Se a felicidade foi alcançada ainda não sei, questiono
certos momentos repentinos.
Houve perguntas que ainda ficaram, algumas respostas,
mas a perplexidade é cada vez maior
e as expectativas não diferem com a idade
sempre me sinto um náufrago, à espera da tábua de salvação.
Sempre volto aos mesmos temas e o perdão é insistente.
Me pergunto se tudo valeu a pena, gostando ou não
do papel que me coube em toda a encenação.

Discutiram tanto sobre a parte que desempenharia
que acabei perdendo a chance.

De noite, quando acordo e fico comigo, carregando a minha
alma.

me peso com rigor e desanimo: não gostei desse filme!
Mas, saindo de mim, do útero da cama, vejo nomes, gritos,
faces, verdes e tenho um montão de alegrias
sim, creio que valeu a pena!

Fiz aniversário outro dia e este relatório
e parece que sempre estou começando de novo.
Fiz exatamente como ensinaram, mas as linhas tortas
aconteceram.

Continuo a ver o outro numa dimensão muito difícil
tentei ajudá-lo, mas não fui capaz.

As vidas que se encostaram na minha não escaparam
ao círculo de amarguras do qual gostaria de tê-las salvo.

Houve um santo que me chamou, tive um princípio de
esperança

mas hoje ele deve estar arrependido de ter contado comigo.

Não sou igual à minha mãe, Vicente.

Houve também um outro que me empolgou, João Bosco,
que me contou sua vida num livro de capa amarela
e tive um filho nascido em seu dia. Me senti honrada.

Era baixinha em menina, tal qual minha avó
e pernas finas, tristeza maior.

Mas cumpriram seus caminhos.

Tento dividir minhas heranças e conto estrelas
estou sempre no mundo da lua.

Tenho palavras de quase nada e dentro de mim
vou pescando ideias que não realizei.

Tentei fazer um poema verdadeiro para mim

mas que jocoso ficou, como se a vida não fosse levada a sério. Mas foi. Juro.
Deus tenha piedade de meus pânicos!

PATRIOTISMO

Que data é esta que acorda o céu
e tinge de verde e amarelo o coração?

No ar espoucam tímidos foguetes
e nas fagulhas infinitas
resplandece fagueiro o sentimento.
As fumaças se diluem em tons de festa
e as pequeninas chamas são de puro entusiasmo.

Não sei se o tempo faz mágicas e cenários
mas compondo-os para a pátria
apesar do protesto dessas árias nobres
não faz retornar a procissão dos heróis
pois que os tivemos.

Mas eles precisavam vir
e ser lembrados.

Precisavam vir com suas mensagens
de fé, de amor e de coragem
e despertar nos homens ambiciosos
essa chama que embalou seu peito
e que lustrou nossas infâncias
de puro patriotismo.

Precisavam trazer a beleza de seu testemunho
o passo firme, o nó na garganta
diante do perigo, mas a fala precisa e verdadeira,
a corda apertando, mas ainda a palavra corajosa
os cavalos galopando e o coração cantando

e a pátria sendo acalentada como um berço
e sendo abençoada como um templo.

Ah, essa pátria querida e maltratada
com tesouros expostos às sanhas dos bandidos
e as entranhas abertas
e vícios rapaces a remoer-lhe ossos
e seus filhos desfalcados como árvores.

Pobre pátria que resvala para o abismo
e mal se equilibra em pés descalços
sugada em seu âmago
aviltada em seus altares
despojada até a alma
pobre pátria que é lar e é abrigo
e que acolhe ao filho, amigo ou inimigo
na mesma amplidão.

E os foguetes roçam a superfície
desse céu azul
e o Cruzeiro do Sul em tom macio
queda dadivoso numa súplica:
tenham piedade de nós!

PRECE

Esta certeza do amanhã que aprendi
a não cultivar...

Mas vendo nos olhos dos meninos
uma aveludada e secreta coragem...

Esta ternura que seus braços revelavam
e me roçavam levemente o coração.

Esta prece que vinha acalentada de esperança
se mesclando nos muros de heras
que envolviam sua infância.

Os balanços coloridos
os cavalinhos arreados
os xaropes, as doenças
as tosses de “cachorro”
e brincavam nas vozes ingênuas
os heróis, os fados, o futuro
e cada um escolhia a sua glória:
- mãe, quero ser doutor, de bisturi
para cortar a sua barriga...

GESTOS

O que me retém o gesto?
As mãos já não querem afagar nem sonho
nem protesto
e os lábios não querem pronunciar sons
como se fosse muito pesada a palavra na boca
e muito responsáveis os movimentos.
Que me retém o passo?
E essa luz que não vejo?
Como se ao olho fulminasse
qualquer palavra de perdão.
Como me empolga este silêncio estático
como me subjuga e me banha em tanta amplitude
como se fosse uma roupa de infinito.
Como tangem sinos de outrora
que cantavam suas ondas nas manhãs de frio
e empurravam a preguiça para dentro de um poço.
Onde aquela fé que acalmava
e acreditava em tudo sem o surdo desalento?
As vozes ficaram para trás e ainda vou roendo desejos
como um naufrago que olha pesaroso o mar imenso
mas desconfia que o horizonte está próximo.
O pássaro trará na mão a certeza do ramo?
Uma lenta paciência flutua em mim
para me salvar de uma possível rendição.
Sei que o remo estará entre os escombros
e será fácil empunhá-lo...

ADVENTOS

Inconformados trâmites de espera
se nos surpreendem a toda hora
e que importa ao ser a trânsfuga figura
de um a mais ou a menos
na inflexível sucessão dos oprimidos?
Estão caracterizados os vendavais do mundo
pelas conjunturas tradicionais, retrógradas
e nada mais se augure nem se auferir
no desprestígio das íntimas reformas.

Espalhemos sementes todavia
colhidas ao acaso para as messes inaugurais
de um amanhã mais fértil
pois o solo se aduba de sacrificados
e está cada vez mais fácil germinar.
Heróis se oferecem como hóstias
no altar predestinado dos anônimos.
- Onde pôs Deus essa semente malograda
que se recolhe com vergonha do que ela possa exigir?
Nem só o sangue, mas o corpo todo adoece
na servidão da fome nunca saciada.
E os traços aprofundados das enormes ossaturas
comporão pirâmides
para serem os monumentos do futuro.
Alguns sustentarão e verão o mundo novo
que brilhará no alto de uma pira.
O tempo e o espaço se encurtam
no limite tão pequeno de um horizonte
a linha é tênue, mas para além, o futuro é irreversível

e contra essas paredes os fuzilados não vão temer a morte
antes senti-la vão num frêmito de ternura
pois dos gritos adolescentes explodirão adventos!

Para além das estruturas que se esboroam
na podridão dos elementos carcomidos
já se esboçam as argamassas da coragem
alimentadas pelo sangue borbulhante de alguns mártires
Não sou eu, com meu mísero balbuciar medroso
nem você, com seus pobres sonhos secretos
nem o próximo, ou o vizinho, que desfilam
as suas bandeiras tão esfarrapadas.
Mas somos todos nós, fortalecidos
pelas fraquezas comuns, unificadas.
Pelas carências universais, participadas.
Não somos nós, com ramos tristes
de flores que nunca viram a luz do sol.
Não somos nós, com vozes ambiciosas nos umbrais dos templos
pedindo por um tempo de milagres
e moedas caindo em cachoeiras.
Não, nossa coragem é limitada e foi nossa partilha
de uma herança maldita e camuflada.

Mas serão eles, os que vêm cantando com a morte
já vencida num campo iluminado.
Serão eles, com olhos jovens e bocas perfumadas
trazendo os estandartes da pureza.
E as corruptas grades já tão frágeis
cairão ao clamor das correntezas.
E um hino de beleza nos encantarás os ouvidos já cansados
dos inconformados trâmites dessa espera.

O CACHIMBO

Um velho com seu cachimbo – um símbolo –
de antiguidade, raça, velho preto
com gosto de sarro.

Nas folhinhas dos bares mais desprovidos
em realce tua figura
com o cachimbo, não o cigarro.

Há um ser que emerge de sua negrura
e a alvacenta alma de menino mostra
a evoluar-se nas alturas
como essa fumaça que desenha figuras estranhas.

É um velho que me acompanhou sempre
com a fala mansa e banhado
desse cheiro de fatalidade ou saudade
em roupas desbotadas, rotas, maculadas.

Vive pelas esquinas do tempo – ainda hoje o vi –
e toda a sua alma canta a vida enferrujada.
Esgrima com sabedoria a farsa de alegria
em que ele todo se abisma.

O cachimbo no canto da boca
com seu riso confraterniza
e anoitece indefinidamente
e quase desaparece na paisagem presente
e na voragem dessas fumaças cinzentas.

É um guardião de anjos-homens e vai, com esse instrumento
alimentando seus vagares e seus demônios.
Eles se acomodam ao seu redor, pressurosos
nesses odores manhosos.
Atrás dessa cortina os vejo.

Assim, velho, prende as horas
e acontece caso, sofrimento
e escapam pelas frestas da madeira os seus lamentos
são suspiros que tremeluzem ao vento
como lamparinas dentro das noites escuras.

E essas fagulhas eternas
são estrelinhas no canto da tarde
que em silêncio ardem.

Com esse turíbulo esquisito navega
triste velho, nos mares do tempo
esse perfume de incenso com que nos incendeia a alma
no mesmo embalo glorifica o respeito
que a figura pobre e tosca
suscita.

Um velho com seu cachimbo, símbolo
de uma escravidão inexorável.
Preto, velho, sábio, poeta!

REFLEXO AZUL

Prolongadas e insistentes
as manhãs vão tecendo os seus espelhos
por onde nossas almas caminham
e têm todas um reflexo azul,
é a cor comum.

Posso nos ver, de mãos dadas
e a sorradeira vida perpassando
por entre dedos entrelaçados
nesse batalhão azul.

Até o infinito os seres de mil formas se delineiam
e envelhecem lentamente
com um brilho obstinado, azul.

Eras uma figura sempre ao lado
passado, presente, futuro, como aura
de ternura lânguida
para qualquer apelo
saído do olho do mundo.

Eras da cor do tempo, como o nada
que vai girando os relógios acontecidos
e os espelhos teimosos
nestes revérberos do cérebro
ressuscitam sempre um anjo azul
empoeirado como caixas guardadas
em cima dos armários.

SOLO

É o verde profundo
o solo preenhe de mato.
Destinos nesse mapa rude
aprisionados em sulcos determinados.
Alegres risadas, todavia furam espaços
e amolecem tristezas lentamente.
Olhos expectantes devassam esses disfarces
e reconstroem caminhos
tormentas revolteiam no vento
em distantes horizontes.
O campo se estende
e o futuro é apenas uma medalha de sol.

QUADRO

Vou criar destas palavras domesticadas
uma pequena mensagem para o próximo.
Quero amor, um pedaço de amor
preciso dele somente.
Mas a pobreza me paralisa
e teimosa de uma ordem me ofereço.
Um verde impossível foge
de meu pincel em trânsito
mas vou refazer com inaudita coragem essa tela.
O branco é o convite, a vida estendida
a porta aberta.
A alma esquiva se ilude com promessas
e adiantamentos
mas a boca prosaica insiste:
- Onde a palavra que procuro
e a cor que não existe
e a ferida que se abre?

CONGONHAS

Caminhamos. As tontas glórias se descortinam além
e os átrios estão vazios.

Almas transparentes se evolvem dos vultos de pedra
e passeiam pelas sombras do passado.

A arte veio por mãos que não existiam
decepidas

e construíram formas de eternidade.

A chuva fura a pele em mil desenhos
e inauguram lágrimas nesses olhos turvos.

Elas escorrem como de um rio
e inundam a branca cidade adormecida.

Eis os que se chamaram profetas

Amós, Isaías e seus rolos descansam agora
em mãos inertes

e os homens estão desatentos

e surdos

voltam-se para dentro de seus sonhos pequeninos
porque o peso da arte e das palavras

os esmagariam

e a glória é um manto

que cobre apenas o suntuoso dia
que se anuncia.

E O MEDO

Na esmaecida tarde o verbo falha
mais uma vez cheio de recato
sem tempo ou sem coragem de criar
Entrei na teia de teu rumo
com a mais terna vontade de ficar
e se não for não me farei dengosa
porque a palavra está na boca, à espera
como um peixe a ser fisgado.
Mas que pescaria frustrada venho conseguindo...
Cheguei antecipando véus à tua volta
dancei as mil danças aprendidas
e teci um arabesco de volúpias
e saboreei a cristalina ausência de rivais.
Nas mãos retive o segredo
descoberto nas salas do amanhecer
eram os retratos que falavam do mais fundo pó
no silêncio das sensatas figuras.
Ingênuos os mudos recados daqueles perfis
e os eventos relatados na obscuridade
ficavam grudados no fundo do peito.
Um som, uma frase um ensaio, uma imagem
e a mente a completava lúcida de seus recalques
mente muito mais velha que seus poucos anos
mas era sempre o silêncio que comandava seu mundo
- e o medo!

RENDAS

Tenho uma blusa de rendas
que veste o corpo de minha avó.
Golas, punhos, delicadeza
transpõe muros de leveza
de gerações inteiras.

É mágica e diáfana
e os botõezinhos de madrepérola
vêm de outro século
fugiram do retrato sem data
que repousava numa antiga sala
também ela sem memória
É nuvem, amolece o pensamento com ternura
e vai sinuosa orla do sonho
tecendo fantasias
como um rio no suave corpo da terra.

Seu contato é doce e sua tessitura mágica
me veste também com a cortesia
de uma dama venerável
em dia de festa.

Ela me coloca ausente de compromissos com o presente
e a obrigação de ser invulnerável
com os acontecimentos amargos
põe-me em estado de êxtase, oura;

Me estabelece tranquila em pano de fundo remoto
avesso de mim mesma

noutra esfera
e nesta espera
esta blusa não me veste, me despe.

É uma blusa sem expressão humana
é sopro divino
como alguém que vigia o seu nascimento
e cada linha de seu amarrotado pano, cada prega
é um desenho que cai
do céu.

Blusa sem feitio real, sem preconceitos
vinda de um recesso de tempo
de um baú suspenso no espaço
voou como borboleta pelo século
e pousou no meu outono
flor sem raiz.

Ao vesti-la sinto o seu fascínio
não como roupa ou como peça
mas como mistério
devassado de seu âmago mais profundo
um milagre no mundo
um objeto que não cumpre um destino
mas interliga outros
com seus laços de renda...

A DEUSA

Nas coloridas paredes daquele templo de ouro moravas.
E vieste para esta sala modesta
com tuas mãos em cruz, tua prece, tua vigília.

No entalhe de teu corpo a elegante veste
e no dorso austero
a palidez do tempo
e nas pupilas brancas
a lucidez da espera.

Estática, aqui estás, com tua silhueta nobre
e a modelada curva de teu ventre estéril
se distende em contemplação interior
como se ali trouxesses a rosa de rubi
que te ofereceram um dia.

Inesperada visita desta sala,
de tão longe caminhaste
nessa oração contrita de outros mundos.
Escuta o que vai ao teu redor
e não temas pedidos ou olhares
pois eles não te exigem mais
que o cinzel do artista que te modelou.

Mares e mares te submergiram, mas estás intacta
e o tempo velará e passará por ti incólume
pois tens piedade e força, és mulher.
Talvez desdenhes o amor que é tão pouco
já que o tiveste em demasia

honras e louvores.

Por ti rogaram inolvidáveis donzelas
nas piras mais exigentes.

Mas aqui estás, inerte e pura
e comovida formosura.

Guardas em tuas mãos nossas lembranças
que despertam quando tu brilhas
e grata quando te devolvemos
o olhar admirado com que te olhamos
e te trouxemos.

NO DICIONÁRIO DE VIVER

De seu ser ressurgem infâncias
e voltam breves, em risos e perguntas
que ficaram vagando pelas orlas
das nuvens ofuscadas de alegrias.

De seu olhar ressuscito uma candura
como de uma veste em luzes oceânicas
e me recordo então das aleluias
de viver num transe iluminadas.

De suas mãos abertas para o vento
de calos refeitos pelas panelas e as costuras
descubro fagulhas de esperanças
que alimentavam almas de crianças
e revendo na face o riso e o grito
sinto de novo a amargura que restou.

De sua glória nas roupas inauguradas nos varais
e nas corolas ressequidas e intermináveis
invento novamente uma resposta
para iludir o desespero de uma pergunta insistente.

Retive nas mãos as infâncias unificadas
e de um leque doce me vinham brisas novas
e em cada gota de mel, em cada copo de vinho
era um batismo novo, um canto puro.

Foram-se pelos caminhos os escolhidos

com roupas maltrapilhas
e voltaram infâncias embrulhadas
em faces camufladas.

Ei-los que chegam, novos olhos e novas bocas
restauram amanhã em meu outono
e a onda crespa desse mar de vida
me afoga em alvoradas.

Sinto-me então celeiro, quase nada
nessa roda de cirandas que me reconhecem em terno sono
porque a vida é essa teia de esperança
que reluz em cada face renascida.

No relógio da prece a hora fica suspensa
ressurgindo em pancadas mornas
e em cada vibração dessa máquina
há um elo a cantar passados e presentes.

E o compasso com que as cordas se alimentam
Vem do fundo das canções
há meninos espalhados pelos cantos
e cadeiras de balanço intemporais.
Há berços em profusão, petrechos de escola
são as letras, as primeiras palavras descobertas
no imenso dicionário de viver.

O MILHARAL

Sobe pela serra
como se aquele fosse
o primário mundo da fertilidade.
- De onde tira tanta seiva, tanto alento?
como cantam em suas folhas a tarde e o vento...

Ah, boa terra, minha terra generosa!
Não, não perderei suas alvoradas
estarei a postos
não renunciarei às labaredas claras
que invadem as ruas, a aurora
e pelas encostas, no verde farto,
sussurram pombas em arrulhos
e os sonhos ensejam longos mergulhos
no ar.

Irei beber um dia a água da fonte eterna
que começou naquela igreja pobre
com a água em gotas
a distribuir riquezas.
A menina de ontem, frente à Ceia
adivinhandando ocasos que viriam
e o alegre bater dos talheres na mesa
completavam a festiva sinfonia
de cada dia.

Não, não perderei as alvoradas
e os amanheceres que batem leve na janela
com raminhos de sal.

Ah, misterioso milharal
que me desperta pensamentos e imagens
a panela no fogo
o café servido
o perfume do pão
o cheiro do sabonete
e aquela incandescência nas curvas do amanhã...

JACIRA

Hoje o meu poema
é para Jacira, a menina de olhos azuis
e pernas tortas, mas tão belas
porque é delas
que ela faz a sua arma de lutar com a vida.
Meu poema vai ficar tão lindo
azulado dos olhos de Jacira
a menina-anjo, valente e formosa
e sábia, pois descobriu que a riqueza
é aquela que ela tem e desperdiça:
a doçura, a coragem, o exemplo.

Jacira vai à Escola, ao cinema
e nem se importa de seu passo desigual.
Ela é de todos a que anda em linha mais reta
pois sabe onde vai e quanto isso custa.

Jacira merece mais que um poema
essas linhas sem beleza e sem rima
que só valem na intenção
de enaltecer de Jacira a grandeza.
O corpo frágil se balança num ritmo de festa
e não tem apesar e nem desculpas
ela toda se enfeita
de alegria e meiguice.
Ela própria é essa festa.

E o poema enfeitado da menina corajosa

e azulado de seus olhos
é capaz de ficar belo.
Beleza é coisa tão mistério
e o olho é sempre enganado
nada há tão lindo, tão forte, tão sério
que as lindas pernas tortas de Jacira.

MEU VELHO

A barba rala, já branca e longa
acariciando aquele queixo escasso
o passo miúdo, como quem cuida não ferir pegada
ou fazer ruir poeira.

A mente alerta, o tempo é contado
para não passar muito depressa
só há um abril no ano.

O riso, todavia, é claro
e se curva, azulado para o cumprimento
e estende a mão que planta e colhe.

O cabelo é todo branco
mas teima em parecer contente
como se resistisse ao tempo, mesmo sem cor.
A fala mansa e absoluta.

MOMENTO

O espírito se alegra

a alma em flor.

O passo é leve

a felicidade assim, tão mansa.

O passarinho despeja o seu tom especial

canta a nota que se quer ouvir.

O azul destemperado

é como uma cortina fluida

pano de fundo, amor.

MAPA

Sou mapa de mim mesma
atravessam-me rios de norte a sul.
Afluentes transitam pela periferia de meu corpo
e cortam-me, com tranquilo desdém
e se entrecruzam com malícia.
Nutrem-me dos elementos que me sabem vitais
com generosidade.
Sangue e água. Sangue e água.
Temos serenidade
e reconhecemos cada solicitação.
Tenho ilhas e mares
furnas e montanhas
tenho cidadelas e solidões
campos, desertos, planícies.
Neste mapa tesouros esquecidos
sonhos que plantei um dia.

RETRATO

Ela era de uma pobreza rica.
Dispendia cada moeda como se a arca fosse repleta.
E a provia do trabalho de suas mãos
para esvaziá-la com o próximo,
mas ela sempre a enchia de novo.
Suas necessidades eram diminutas
muito poucos vestidos no armário
as agulhas e as linhas
as amostras de crochê.
Ela adotava, apenas a florados
os problemas alheios
e, afanosa, ansiava por soluções.
Emprestava-se para o consolo
como se fosse um curativo
e carregava o fardo alheio
com alegre coragem.

FOI ONTEM

Nesta rua as pedras ainda são as mesmas
e tanto pó resta de homens e de sonhos.
Que silêncio nesse elemento tão forte
quando tudo o mais é tão precário?
Nesta casa a fome foi desperta
por um copo de água e um sorriso
um pedaço de pão e uma carícia
uma roupa limpa e o sacrifício.
O caneco que tremia em mão cansada
ainda sucumbe na sede de minha garganta.

Que é da alma que perambulou por esta sala
e num canto da prateleira depositou a vida?
O grito débil, a voz primeira
e a pergunta que na penumbra esmorecia?
Naquela mesma cama, ah, ela morria
de mil mortes antes acontecidas
pelas muitas maneiras de morrer.
Sem um ai, ou queixa, apenas a pergunta vaga
e o recado que deixava sem dizer nada
foi-se para o destino acomodada
com seu segredo.

SILÊNCIO

São pequenos fatos cotidianos
a traduzir desimportâncias
mas seu valor crescerá quando cessarem
os gestos e as vozes.

Quando a voz mansa se fizer silêncio
e o destino estiver pronto
então se há de recordar cada palavra
com o aperto do irremediável.

Um dia o avô com sua bengala comandou vidas
e o pai, nas intempéries da luta
recebia o amigo com sorrisos
a tudo o coração preside, sem pressa
e o olhar impreciso da saudade
vê que tudo um dia cessa.
Menina de grandes medos assistindo aos aconteceres
e as joias do futuro descansavam nos estojos
e havia uma fada do tempo
a tudo presidindo
com sua varinha mágica.

Hoje há silêncio na saudade, mas as vozes continuam
nos mesmos cantos, mesmos lugares
e fazem a sua parte, pressurosas
certas de que o tempo é quem comanda os atores.
E seu valor crescerá quando cessarem
os pequenos fatos cotidianos
e os gestos e as vozes.

PROTESTO

Eu me recuso a entrar nesse compasso marcial
e a marchar nessa pressa.

Despi meu uniforme
estou à paisana.

Vocês irão carregando armas
vão combater o inimigo por mim.

Estou na sombra, quero a paz.

Vou colher a flor
me agasalhar num ninho.

O batalhão está completo, judicioso

o general comanda

vão vocês à batalha

há muito ouro

despojos a repartir

saques.

Quando a luta for vencida

e voltarem triunfantes

ajudarei a cantar salmos de vitória.

Vesti minha veste branca

e vou colher mel de flor

eu quero apenas cantar.

Meu campo é outro

quero ostentar minha lira

e dedilhar como um anjo.

Ela é a arma que eu carrego.

Se o inimigo vier
ofereço o peito e a vida
e a voz
a voz que canta sozinha
e que recusa lutar.

Não vou marchar nesse compasso marcial
eu me recuso, não é meu ritmo
ajudarei a cantar os salmos da vitória.

EMBORNAL

Tenho no bolso alegria
venho da casa do amigo
e me resta este consolo
ser um tanto necessária.

Tenho alegria na alma
emprestei meu embornal
já não me pesa, está leve
entreguei-o, jovial.

Tenho alegria na face
enxuguei do irmão o pranto
está úmido meu lenço
secando neste varal.

ONDE?

Onde o espaço nessa tarde magra
para descansar uma aflição?
O chão não medra
e a vida está tão escura!
Os negrinhos dançam em frente à fogueirinha
feita de papel sujo e gravetos
desejos sobem como fumaças
e ais tão lamentados.
Mas vem a mãe e os espanta com ternura
nos olhos que sempre ardem.
Cata os pedaços que restaram
no colo aconchego.
A fogueira grita em seu coração:
- Onde a panela para ferver a vida?

VENTO

As pencas despencam, frágeis
chuva de lágrimas.
O chão se forra em desperdício
dentadas de vento!

PIANO

Essa boca escancarada
esses dentes que engoliram tantas noites
e vomitaram noturnos e sonatas.

Essa madeira que resiste ao assédio dos insetos
se balançou no ventre de um navio
e se instalou no bojo desta casa.
É uma testemunha a postos, na sala
e se cala ou estremece
em acordes obedientes
essa criatura solene, companheira.

Um fio se entrelaça no teclado
vindo de tantas mãos deslizantes
e o cacho de mãos velhas ou meninas
voltam.

E ele com passos e compassos
a tudo acompanha em lento diapasão.

Ah, esses dentes engolindo nossa vida
em sustenidos e bemóis!

SER

O néctar se diluiu em tons de ouro
para amanhecer
e inundou o ser-poema
gerado no ventre do mundo.

ROSTO

Eis na íntegra este rosto
com sulcos, rios, vales
marcas de tempo e de lutas.
Cada linha é testemunha
cada prega um ferimento.
Estigma de mil cruces
esparsas em reduzidos rumos.
Linhas sem nenhum compromisso estético
nenhuma linhagem
campos de destruição.
Máscaras devassadas
em seus segredos
sem disfarces
rosto-campo-face-mistério
fragmentados.

Pássaro solto
linha de silêncio
geometria de abandono
fuga, pipa de sangue
alvo de setas
mira falida
testa ferida
pássaro granito
negro de pena
de pena ou dó
pena de dor
grito na flor
flor da manhã
grito de pedra
pipa de sangue
sangue respingo
pingos na alma
vermelhos de amor.

PRESENÇA

Esta rosa intacta
fresca para o momento.
Dá em pincelada curta
seu depoimento.
Presença.

PARA UM AMIGO

Vendo-o adormecido e já ausente
cercado de tanta dor
penso no seu sorriso, bom e amigo
oferecendo um copo de vinho ou uma flor.
Penso em todo amor que colheu e plantou
e na companheira que o precedeu e amou.
Vejo a cantiga e a poesia
que escreveu e viveu:
seu verso foi o trabalho
e essa fibra de coragem e alegria.
Foi seu canto essa mensagem
de afeto e de bondade
que seu peito agasalhou.
Foi a oração da amizade
e essa crença no futuro
que distribuiu entre os seus.
Sabemos, buscava em Deus
numa conversa serena
a força tão necessária
para enfrentar a arena.

A fábrica parece um enxame
de vida, de animação
movida mais pela força
sugada do coração.
Nela está o operário
fabricando com ternura
o seu calçado-canção.
E ali está a figura

o sonho a vida e o pão.

Tudo parece tão breve
em termos de eternidade
aquele primeiro dia
que aportou nesta cidade.
Aqui filhos e esperanças
ambos criaram raízes.
Agora era nestas searas
colher os frutos que foram
plantados tão duramente.
Era esperar das sementes
floradas alvissareiras
- e o senhor vai embora
sem mesmo se despedir?
Mas Deus é quem sabe a hora
em que o eleito deve ir,
deixando atrás de seu passo
seu exemplo, seu legado,
seu fardo, seu terno retrato
que será sempre guardado
nos cofres da gratidão
nas grutas do coração.

GOSTAVAS DE AMANHECER

Gostavas de amanhecer e te recordo
balançando as cobertas
que eram redes de apanhar sorrisos.
A manhã ficava aberta à alegria
peixes inflexíveis e brilhantes.
Ela era a convidada precisa para o banquete quotidiano
do trabalho que começava naquele sacudir em frêmito
dos cobertores mornos ainda dos corpos em crescimento.

Depois era o perfume do café enchendo a casa
a mão deslizando pelo pão com delicadeza
e a manteiga era doçura.
E nos enviavas para a escola e junto da maleta
tua palavra escondida e atrás dela
ficávamos fortes e valentes.

Dava-se um jeito para tudo e para todos
para o Mudo que pedia com os olhos
e para o Cego que um menino carregava.

Chegavam cargueiros de frutas que embalsamavam nossos recreios.
Marmeladas, goiabadas, pessegadas, tabuleiros coloridos
que fantasiavam nosso horizonte
e se transformavam em vitaminas e afetos.
Viver era fácil, bastava ser menino e estar atento
e receber tua presença como bênção enchendo a casa
e o grito que nos acalentava a boca no regresso
chamando pelo teu nome.

Vínhamos alquebrados do mundo,
mas era preciso poupar tuas forças,
nos disseram, mas tinhas uma fonte eterna
e dela vinha todo o necessário: a palavra adivinhada,
o ponto mágico, o brinquedo predileto, o perfume mais caro.
Tua alquimia presente era a miraculosa maneira de atender.

A palavra não era rebuscada,
mas encontrada facilmente no vocabulário do amor.
A porta sempre aberta
e o coração alerta em canção.
Ninavas e as sentenças que restaram
ficaram com as meninas
vagando tanto tempo ainda por aquela casa
sem direito de crescer e à escuta de teu voo de regresso.

Gostavas de amanhecer, mas um dia
esqueceste das tarefas cotidianas
o café, as camas, as solicitações todas
e te quedaste num silêncio tão profundo
que todo o ruído do mundo
não conseguiu te acordar...

RESGATES

Amasso o barro em fundos medos
as luzes devassam fendas sem alegria
e o sol brilhando tem um gosto de inutilidade.

O pêndulo do dia conduz reservas de amor
aos recessos azuis do subconsciente
o solo tem um orgulho dadivoso.
Piso-o e burlo o momento numa insensatez de verme
que lhe suga porem, ventre, vitalidade.
Me alinho no fundo de um bosque onde pingam lágrimas.
Numa intransigência culposa me transmito a um limbo imaginário
desejo me punir, são culpas acumuladas
gerei a vida, aceitei desafios desde sempre
recebi das alegrias provadas por deuses
repeti mil vezes a isenção por medo
e, como um naufrago agarrado à esperança, repeti: perdão!
Ousei penetrar em mundos novos
brotados pela in consequência de um ato banal
e desejei formar desse elemento ídolos sonhados.

Rasgaram-me o ventre tantas vezes
e com o sangue entregava a alma e a própria vida
que se esvaía lentamente em explosões de dor e de emoção.

Visitei céus esplendentes
e despertava para a realidade com um choro débil de menina.
O seio túrgido desenvolvia uma corrente no leite
e o mundo povoava de novas aparições
e a comunicação-espanto de caminhos feéricos.

A doação se completava em cada volta da vida.
Ah, não posso cobrar nem desejar mais nada
nem as cores fortuitas que se derramaram nos painéis das tardes
nem às criações que expandem vibrações exangues.
As cores que interpretam sentimentos
são telas que revolvem entranhas.

As plantações são infinitas, as relvas se iluminam
pelos prados do mundo.

Saí por aí alegremente a semear
e a jogar sementes de mim mesma
as floradas me afagam, me afogam, me sucumbem
me cobrem, me cobram, e me coram
e me fazem submergir em fundos sulcos na voragem dos resgates.

Minha culpa, minha grande culpa.
Pedacos de mim, palavras jazem pelos cemitérios subscientes
e os junto, atônita, como quem junta cacos expostos
perdidamente expostos.
Quem vê meu coração, meu rosto, minhas dores?

ISAÍAS

Acalmaram-se, por inofensivos, os leões
e as feras depuseram suas garras
Soltem os pombos pressurosos
iremos todos conviver em harmonia.
A paz desceu de uma vez por todas
e os apetites promissores
foram consumados no amor.
No céu, as palavras em letras de ouro.
Venham, eis que o cordeiro está exposto
e o jovem desembaraçou o seu cabelo louro
e despiu jeans.
E a nova canção transmite com tal gosto
que uma alegria solitária vestiu seu rosto.
A mão estendida é o gesto comum
não há mais inimigos
a estrada é límpida
e o clarão das tempestades já não faz medo.
As águas vêm tranquilas em remanso
e os peixes afloram à superfície
para serem colhidos.
Pássaros recolhem restos de estrelas nos ares
e vão reconstruir ninhos mornos.
Na ventura todos tecem seus abrigos.
Para os aflitos desapareceram os desafios
e geram despedidas os vermes da podridão
sua voracidade se apaziguou.
Recolhem-se as formigas em cantigas
como se fossem cigarras folgazãs.

Parte-se o pão
cobre-se a mesa de linho
e o vinho é repartido em todos os altares.
O mundo fez-se assim num átimo
e o Verbo pode cumprir sua missão.
Repousa enfim deliciado
a luz azul de paz ilumina as faces...

O ÚLTIMO GOLE

Homens ao longo da estrada
anjos-homens, bêbados de sua própria insensatez.
Param no bar para o último gole
e entram nessa noite tão longa e escura
que começa dentro de sua mente confusa.
Carregam nas mãos a sua inocência baça
e os olhos turvos já não ajudam passos.
Por entre dedos amolecidos a garrafa sinistra
que encompridarà a noite
e nos jorros generosos os dessensibiliza
e a pedra no peito então se cristaliza.
Nos recalques dos corpos machucados
voam palavras sem pouso.
Nas arrelias dos nervos o álcool prevalece
e a mente decepada então esquece
o pouco de solidão que escapa pelo hálito
embora pela manhã retorne mais amarga.
Anjos caídos pela estrada como Cristos
levantam-se e caem, levantam-se de novo
sem Cireneus que os ajudem
a carregar tão longamente as suas cruzes.
Nas costas a bondade pesando.

ANIMA MEA

Adormeço sonhos sem requintes
há um interminável caminho a percorrer
e a dignidade em lavrá-lo me desafia.
Um fogo, uma dádiva, um horizonte, um segredo...
as fantasias se sobressaem à matéria
e são inúteis os rótulos improvisados...
Há paciências nos restos desses sonhos
pois os consagro numa fé de luta
esgarçados pedaços meus que junto sôfrega.

É todo o meu ser em nova forma
desenho refeito, traço a traço
imagem tosca.
A alma ensaia uma cantiga de oração
um passo de esperança
para louvar o minuto devolvido.

Um programa novo me envelhece
e avivo a memória do necessário
canto salmos e matinas em novos tons.

É como despir pedras de sua rudeza
e esmiuçar seus fragmentos,
confiar em forças que ressuscitam
transpondo a morte.

Deram-me ainda algum tempo
e nem sei como descerro a porta semi-aberta
certa de que em livre trânsito

adormeço fatigados sonhos que retornam...